

# REVISTA

BO

## PARTHENON LITTERARIO

QUINTO ANNO

JANEIRO DE 1876

I

### SUMMARIO

Retrato do Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião.	Ignéz, conto por Tancredo.
Biographia do mesmo, por Achylles Porto Alegre.	Ode a Veneza, por Caius Gracho.
Um sonhador do seculo, por Mucio Teixeira.	Nyaya, poesia por Ferreira da Luz.
Dados historicos sobre a provincia.	A Eliza, poesia por E. Lima.
	A Dhalia, poesia pelo Dr. Caldre e Fião.
	Conselho, poesia por **
	Chronica, por Manfredo.

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



VI.



D.<sup>r</sup>. J. A. DO VALLE CALDRE E FIÃO.

Lith. de J. Alves Leite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

---

5.<sup>o</sup>  
QUARTO ANNO

JANEIRO DE 1876

I

---

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1876



# BIOGRAPHIA

---

## O DR. JOSÉ ANTONIO DO VALLE CALDRE E FIÃO

Ha trez annos haviamos escripto a biographia de nosso saudoso amigo o Dr. Caldre e Fião, que ora estampamos nas paginas da *Revista*.

Era um preito de homenagem votado á virtude, ao talento e aos incontestaveis serviços prestados por um grande homem ao paiz, que lhe servira de berço e que elle amava com todo o estremecimento.

Se a excessivá modestia do biographado, nos privou do cumprimento d'esse sacrosanto dever, agora o fundo silencio do seu tumulo nos impõe a realisacão de nosso ardente desejo.

Só lamentamos de coração, é que obiographo não esteja na altura, em que se destaca entre uma aureola de luz, o busto venerando do nosso amigo e mestre.

### R

Retraçar a vida de um homem que vive entre nós, que quotidianamente nos falla, que existe ligado a este prosaismo da vida commum é cousa pouco agradavel, senão ingrata.

Talvez amanhã junto ao cruzeiro do seu jazigo, commovido pelas lagrimas de sua consorte e filhos adoptivos, agitado pela saudade, atrahido pelo prestigio da morte, poderemos dizer duas palavras dorida, e cumprir assim menos mal a tarefa que nos impozemos.

Mas vel-o e tratál-o ; recebél-o em nossa modesta habitacão como

medico e amigo, para dizer d'elle o que nos pedem, que é a apreciação imparcial de todos os seus actos durante meio seculo de existencia, é o que ninguem faria sem perplexidade, e nós estamos convictos do peso d'este encargo.

Mas seja.

Ha pontos de vista em que podemos encarar o Dr. Caldre, presidente honorario do *Parthenon*, e fazer um estudo que seja proveitoso á humanidade e as letras em mais de uma quezão.

Ainda hontem, na qualidade de presidente da sociedade *Libertadora*, por motivo de ter proposto e promovido um *Asylo da liberdade* para crear e educar os novos livres, filhos da mulher escrava, que a ambição descomedida dos senhores atrai ao abandono ou envelhece para reter no servilismo, um jornal acreditado d'esta cidade, diz algumas palavras que photographão o seu character moral, e isso em resposta aos que querião tornar em ridiculo tão nobre e humanitario pensamento :

« E' innegavel que o Dr. Caldre e não é um dos homens do nosso tempo, que mais serviços procura de interessadamente prestar á humanidade e á sociedade, em cujo seio vive honrosamente, por meio de sua laboriosa profissão, e não á custa dos cofres publicos, aos quaes em nada tem pesado. »

Não seriamos suspeitos, pois, nós seu amigo, si n'este tom nos demorássemos, tratando de muitos factos de sua vida, que tem o cunho do sacrificio em pról da humanidade e de sua dedicação ao progresso, do paiz e adiantamento do povo.

Mas preferimos tratar das que tões em que o vemos envolto desde a sua mocidade e acompanhar o desenvolvimento que ellas tiverão devido a seus esforços, ou a propaganda á que se alirou com todo o entusiasmo dos espiritos claros e convencidos.

O Dr. Caldre goza entre nós dos creditos de bom medico, e os que frequentão seu consultorio são testemunhas do quanto depende de cuidados indistinctamente a quantos o procurão, e sabe-se o grande numero de pobres que lá vão e ali recebem o alivio, o conforto, as consolações de toda a natureza para os seus e para si.

Porto Alegre ainda ha de lembrar-se das quadras calamitosas de 1855 e 1867 em que o cholera morbus assolou a nossa terra querida.

N'esta tela destaca-se bem em relevo o busto respeitoso do nosso biographado.

O Dr. Caldre foi um medico dedicado que não recuou ante as incommodas, e um trabalho que dir-se-ia superior ás forças humanas.

Outro menos modesto teria feito alarde das demonstrações que recebeu pelos seus serviços em pról da pobreza, que é a sua familia, da pobreza com quem elle reparte o suor do seu trabalho, da pobreza de quem tem sido tantas e tantas vezes a providencia.

Sabe-se que o Dr. Caldre não tem filhos, mas é certo que muitas

crianças recebem d'elle a criação e os cuidados paternaes, todos os desvelos e carinhos de que somos testemunhas.

Mais de uma vez nos temos demorado apreciando a sua *minosa filha*, como elle a chama, e que faz as suas delicias. E' esta uma menina branca liberta pela nossa associação e que elle recebeu quasi exanime.

Temol-o ouvido dizer que suas inclinações o atiravão para os estudos das sciencias naturaes e pratica da agricultura, ou ainda para as grandes questões sociaes, mas que acceitara a imposição de seu pai que o desejava medico, porque por essa forma poderia quotidianamente e com vantagem fazer o bem sem alarde e sem ostentação.

Suas idéas sociaes, seus estudos economicos costuma pol-os em pratica no seio de sua familia, e na gerencia dos poucos bens agricolas que possui.

Ha pouco tempo tem libertado com o seu dinheiro alguns pardos escravos, e d'estes tem douz na sua granja, que são seus socios; a examinarmos as vantagens que lhes faz na producção dos seus campos e na fabrica de tijollos de que vão occupar-se este anno, repotiremos aqui, a proposito, as suas palavras:

« Quando libertos estes homens quero logo dar-lhes occupação, meios de viver honesto pelo trabalho — é assim que ainda me não arrependi de dar a liberdade aos escravos.

## II

José Antonio do Vallo Caldre e Fião, nasceu em Porto Alegre, capital d'esta provincia no dia 15 de Outubro de 1821. Forão seus pais José Antonio do Valle e sua mulher D. Ignacia Joaquina de Almeida.

Nem riquezas nem titulos de nobreza lhe deixarão seus pais. E para que os quereria quando o educarão no amor ao trabalho? A morte de seu pai o entregou á adversidade logo no verdor dos annos, o que tornou difficil a sua aprendizagem litteraria, mas robusteceu o seu espirito e o seu braço no exercicio da profissão que abraçou a espera de melhores dias.

De 1834 a 1842 foi pharmaceutico ou antes praticou a pharmacia; alguns annos d'este periodo passou-os na Santa Casa do Misericordia d'esta cidade.

Em principios de 1843 foi que o joven José Antonio do Valle então já proprietario da botica que fôra do fallecido Brillhante, pôde realisar um pequeno capital e ir para o Rio de Janeiro para matricular-se na Escola de Medicina e seguir o curso medico, como havia desejado

seu pai, o que realisou algum tempo depois, deixando em abandôno o seu negocio.

Terminava o seu 4º anno medico quando contrahiu nupcias com D. Maria Izabel de Lemos, então directora do *Collegio da Estrella*, estabelecido havia pouco tempo no Rio de Janeiro.

Sua mãe que desvelada sempre o acompanhara, falleceu mezes antes de elle receber o gráu de doutor em medicina, o que se realisou em 20 de Dezembro de 1851.

Nas eleições do anno seguinte, o Dr. Caldre era candidato a deputação geral, e obteve volação que o levou á camara dos senhores deputados, onde em 1855 votou a lei das incompatibilidades e dos circulos, triumpho que o ministerio Paraná deu a causa liberal por motivo da conciliação então havida entre os partidos constitucionaes.

Em 1853 recolheu-se á esta provincia com sua familia, e escolheu para sua residencia a villa de S. Leopoldo, onde esteve alguns annos como medico da municipalidade, sendo eleito deputado provincial por duas vezes, de 1854 a 1855 e de 1856 a 1857.

Foi na sua volta a esta provincia, depois da sessão das camaras em 1855, que appareceu n'esta cidade pela primeira vez a epidemia do *cholera-morbus*, em que prestou os seus serviços medicos com a dedicação e a contracção que tanto o recommendarão á gratidão da pobreza.

Por esta occasião foi condecorado com o habito de Cavalheiro da Imperial Ordem da Rosa.

Por amor a verdade devemos dizer que nunca o vimos com este distinctivo.

Nem um medico pôde n'esta occasião fazer mais, nem ser mais assiduo no seu irabalho, que o Dr. Caldre. Elle durante este periodo achou-se n'esta cidade, em Taquary e no 1º districto d'Aldêa e em todos esses lugares quantos coraçõs agradecidos não abençoão ainda hoje o seu nome?

Tendo voltado para S. Leopoldo ahi esteve pouco tempo.

Sua vida activa na politica de então o chamou á capital, onde coope-rou efficazmente com seu particular amigo o Barão de Porto Alegre na organisação do partido progressista, retirando-se em 1861, quando o seu partido triumphava esplendidamente, para suas terras em Sapucaia, municipio de S. Leopoldo, a viver no retiro, na vida privada mas pacifica dos campos, tendo regeitado a candidatura que de direito lhe era offerecida.

Em 1864 ainda veio a assemblêa provincial para que fôra de novo eleito e onde propoz medidas que a serem aceitas terião dado o cunho do partido, trazendo immensas vantagens a provincia.

Ha gosos na vida que parece que Deus não quer dal-os em sua plenitude a todas as creaturas.

O Dr. Caldre ama apaixonadamente o campo e a vida agricola.

Quando o Dr. Caldre emprehendia augmentar suas culturas e seu pouco gado, especialmente o rebanho de merinós por cuja criação se desvelava, recebeu cartas pedindo que viesse á esta cidade porque nella apparecera de novo o *cholera-morbus* em 1867. Não hesitou, e seu apparecimento no 3º districto foi um acontecimento, que ainda não esqueceu áquelle bom e agradecido povo.

A sociedade de *Beneficencia Brazileira* aproveitou o ensejo de ter a seu serviço gratuito um homem como o Dr. Caldre e nomeou-o seu presidente. Foi n'este encargo que elle apresentou toda a força de vontade, toda a energia de que é capaz iniciando a idéa da fundação do *Hospicio*, idéa exclusivamente sua, e que levou á realidade, construindo até o respaldo do socco.

E' o *Hospicio* um edificio duplamente magestoso, pelo fim e pela architectura, que hoje possui o 3º districto d'esta cidade, e que não pôde deixar de lembrar o nome do seu fundador o Dr. Caldre e Fião.

Foi n'esta associação que elle propoz a criação das *aulas nocturnas professionaes para os operarios*, que tiverão exercicio, especialmente durante sua presidencia. Um decreto imperial com data de Janeiro de 1868, o condecorou com o habito de cavalheiro da ordem de Christo, por ter concorrido para esta criação.

A nossa sociedade — o *Parthenon Litterario*, levantando-se forte e attiva, como a mocidade que a compõe, para a cultura das lettras rio-grandenses, o escolheu para seu presidente honorario, e justo é confessar que devido a sua inspiração e aos sentimentos generosos que ella professa, é que praticou o mais nobre dos seus actos publicos — a libertação de 50 captivos, pela maior parte innocentes creaturas que haviam nascido sob o céu risonho da nossa patria querida.

### III

Nascido um anno antes da independencia do Brazil, é claro que em balarão seu berço as auras da liberdade e primeiro chegarão a seus ouvidos o fremito e ribombo do canhão festivo que saudava a redempção de sua patria.

Seus parentes mais proximos estavam ligados á causa da liberdade, e foi seu proprio pai, portuguez de nascimento e antigo servidor da marinha de sua velha patria, quem lhe collocou no braço o angulo que continha estas palavras magicas — Independencia ou Morte.

Mal sabia o velho o talisman que entregava ao filho. O Dr. Caldre nascido liberal, educado nas crenças santas da liberdade, conservou-se tal em toda a carreira da sua vida.

Nos seus primeiros annos, virão-no ensaiar seus cantos á liberdade,

è escrever artigos para os jornaes de cátião que alguns reputavão perigosos, *livres de mais*; crão idéas em favor do progresso e liberdade dos povos que os mais benevolos denominavão *utopias*.

Estava nos seus 23 annos, no vigor da mocidade, e a necessidade de viver impozera-lhe o trabalho a que já estava accustomed; mas n'este momento é á sua penna que elle vai dever os recursos de que carece. Fez-se jornalista e os liberaes o acorçoarão no seu empenho.

O *Socialista*, o *Provincialista de Nitheroy* e o *Echo da Trombeta*, jornal do theatro do Rio, receberão os seus artigos e pagarão-lhe o seu trabalho.

Discutindo em politica veio-lhe ao pensamento de que não podia ser livre o paiz que via nascer em seu seio *homens escravos*. Mas isto foi-lhe um tropeço na carreira que abraçara, e dois ou tres artigos seus foram regeitados pela redacção do *Correio Merrantil*, para a qual tinha sido convidado. N'essa epocha viu-se a braços com difficuldades sérias; mas a pertinacia do seu character o salvou, e seu amigo Dr. Adriano da Cunha e Mello apresentou-o aos poucos inimigos do *trafico de carne humana* como capaz de encarregar-se da propaganda contra o odioso commercio que aviltava a nação.

E' ainda aos esforços do Sr. Leopoldo Augusto da Camara Lima e de alguns honestos negociantes que fez a compra de uma typographia e que fundou o *Philantropo* de que era o unico redactor e responsavel. N'essa redacção o joven rio-grandense sem servir aos partidos confesos de então, serviu ao paiz com toda a dedicacção de que era capaz.

Quatro annos depois, em 1850, pôde-se dizer que tinha cumprido a sua missão de propagandista, que a idéa, a que servira com tanto empenho, encontrára echo no seio da nação, que chegára com lentidão mas com proveito, a formar uma opinião a que o paiz ia dever grandes avanços na moral e na civilisação.

O que este nosso patricio teve de soffrer n'essa luta titanica, comprehende-se, e a provincia soube indemnisa-lo de tanto trabalho, honrando-o com os seus votos para deputado geral, visto que nenhum outro com mais legitimos direitos reclamara-os.

Quando em 1853 vinha para viver na provincia com sua familia, todos o virão alistar-se no grupo da conciliação que combatia a influencia de Pedro Chaves, e nos bancos da assembléa provincial apresentar os projectos para a educação dos lavradores por meio de *escolas agronomicas*, para a educação da mulher por meio do trabalho, e para o plantio de florestas artificiaes, e outros que tendião a desenvolver a industria, a crear fontes de producção na provincia.

Sua ligacção desde logo com o chefe liberal o poz na politica activa em condições de cooperar efficaçmente para o desenvolvimonto das idéas livres, e é-lhe em grande parte devida a organisação do partido *progressista*, em que igualmente proeminavão os nossos consocios Barão do Porto Alegre e Felippe Nery.

Retirado por algum tempo da vida activa, voltou de novo a ella, e ainda que não é aquelle caballista que percorria a provincia, de villa em villa, de aldêa em aldêa e só com o prestigio de suas inalteraveis opiniões, vem-o ainda n'este momento figurar no Directorio Liberal como secretario e intimo amigo do chefe d'esse partido.

Se perguntardes ao Dr. Caldre as suas opiniões sobre qualquer materia elle vol-as dará sem rebuço, com toda a franqueza. Elle vos dirá que não é republicano, que acceita a forma de governo estabelecida; mas que quer as reformas necessarias para que a liberdade publica seja uma verdade.

Tratando da provincia, elle deseja a eleição do presidente responsavel perante a assembléa embora delegado do poder executivo. Elle quer a descentralisação administrativa e todo o vigor e desenvolvimento ao elemento municipal.

Suas idéas de liberdade estão radicadas, ainda é o mesmo que em 1846 queria que todos os brazileiros fossem livres — que nem um homem em sua terra nascesse captivo.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

# UM SONHADOR DO SÉCULO

AO MEU SAUDOSO AMIGO ANTONIO LARA DA FONTOURA PALMEIRO

( FRAGMENTOS )

Lá... d'essas plagas abençoadas onde foste buscar—mendigo sublime do futuro—o pão do espirito ; quando, ao pôr do sol, o anjo me-rencorio das saudades transporta-te ao lar nas azas mysteriosas do passaro audaz da imaginação... depois de abraçares tua mãe e teus irmãos, ao recordar os teus amigos—lembras-te de mim?...

Lembras-te?...

E por ventura não é tão doce o lembrarmos os companheiros dos brincos infantis e lides escolasticas, almas irmãs — commosco filiadas aos commettimentos do porvir, espiritos homogeneos — comuosco baptisados nas lustraes do limpido Jordão do ideal?...

Ha um anno que, ao abraçar-te, na hora da partida, quando voltavas a essa terra de onde vieste passar as ferias em companhia dos teus, prometti mandar-te as minhas poesias assim que sahisses do prélo ; chegou a occasião de cumprir tão espontaneo promettimento : — aqui tens minha alma sonhadora, esparsa por estas folhas myrrhadas ao sol da realidade...

Tenho procurado ensaiar-me em todos os generos da poesia, e desconfio que devo dar preferencia ao lyrico — ainda que a eschola realista me fascine ; por emquanto meus versos não são mais do que um pallido reflexo da constellação luminosa que scintilla no céu litterario de nossa patria; contudo, alenta-me o doce consolo de que tenho feito o quanto permitem os meus poucos annos.

Os — FRAGMENTOS — que te offereço pertencem á eschola byroniana ; escriptos sob a forte impressão que me deixárão os *Bohemios* e

*Um cadaver de Poeta*, — que povoão «o novo mundo visionario e platonico, verdadeira ilha Barataria de D. Quixote, onde Sancho é rei, e vivem Panurgio, Sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de de D. João Tenorio: — a patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare», na phrase autorisada de Alvares de Azevedo; elles têm alguma cousa de real... — talvez sejam reverbêros d'essas estrellas cadentes que fulgem nas paginas sombrias da — *Noite na taberna*, ou fagulhas d'esses meteóros que desapparecem, deixando um vestigio na fronte pallida de Leonel — o Musset rio-grandense — ou na pedra da sepultura ainda mal cerrada — onde Varella foi refugiar-se dos elementos em furia de uma existencia procellosa — verdadeira tempestade.

E não obstante, estes fragmentos são paginas da eschola realista — esse mixto que resume todos os generos de litteratura.

*Um Sonhador do Seculo*, escripto em fórma de poema, compõe-se de 5 cantos: no 1º dou ao jovem poeta todas as aspirações que nobilitão o homem; Mario ama uma linda morena de olhos negros e cabelos crespos, é correspondido por ella, mas a familia d'esta reprova o affecto nascente. Como Alva (seu nome) fosse ainda bastante criança e vivesse na alta sociedade, acostuma-se aos galanteios e lisonjas dos Lovelaces (de todas as epochas e todos os lugares), esquece-se do nosso Poeta, talvez fascinada pelo *pince-nez* de um bacharel, com quem foge para o Norte. No canto 2º o pobre moço sente a noite do scepticismo envolver com seu véu de sombras o céu de sua mocidade — ao sumir-se no occidente o sol de suas esperanças. No 3º, como verás, o homem verga-se ao peso das contrariedades e procura esquecer as illusões que o abandonarão — na embriaguez, que, matando-o moralmente então, fal-o (no 4º canto) depois de passar trez mezes de miserias, sem amigos, sem lar e sem pão, morrer — como os cães sem dono — no meio d'uma praça. No 5º finalmente, a geração que deixou-o morrer á fome presta-lhe a homenagem devida á realza do genio, cobrindo de bençãos o nome que fôra o alvo de escarneos e zombarias e, erigindo-lhe um monumento que perpetúe seu grande talento vai — semelhante ao mergulhador da Asia que tirando a perola do lodo do mar eleva-a ás aras das velhas divindades — arrancar seu nome ao prostibulo, onde é repetido com enthusiasmo e saudade pelas messalinas, para legal-o á posteridade.

Accita, meu amigo, este singelo tributo da muita amizade que te consagro, pois elle é tambem uma pallida idéa das minhas risouhas esperanças — tão exuberantemente justificadas pelo teu bello talento.

Porto Alegre — 1875.

MUCIO TEIXEIRA.

## UM SONHADOR DO SECULO

### INTRODUÇÃO

Era uma frente olympica e sombria,  
Nua ao vento da noite que agitava  
As loiras ondas do calello solto;  
Cabeça de poeta e libertino  
Que fogo incerto de embriaguez corava.  
Na frente a pallidez, no olhar acceso  
O lume errante de uma fereza insana.

(ALVARES DE AZEVEDO)

Imagina um rapaz pallido e bello,  
Em cuja frente altiva e sonhadora  
Crepita o fogo santo do talento;  
Dá-lhe um olhar profundo e merencorio,  
Ri-o ephemero e triste, — e tens ideado  
O heróe do meu poema.

Alma de fogo

— Oppressa pelo involucro de barro —  
Bem cedo espedaçou os tibios élos  
Da cadêa carnal...

Poeta d'alma,

Sorveu com avidéz as venenosas  
Paginas de Musset, rio com Bocage,  
E, como o vulto morbido e sombrio  
Do *D. Juan* de Byron, envolveu-se  
Na gélida mortalha da descrença.

*Misero Child Harold*, que aos vinte annos,  
Quando a frente delira, o labio treme  
É o coração palpita, — viu-se oppresso  
Pelo tédio da vida, — saciado  
Dos sensuaes prazeres...

Receando

Maybe que a vida se esvaise breve  
— Como a sombra d'um barco á flor das aguas —  
Esgotou do prazer todas as taças.

Como *Hernani* — sentiu junto ao seu peito  
Anhelante pulsar um seio virgem,

Lustrando o labio frio e conspuroado  
N'um labio perfumoso...

Como *Faust*,  
De quantas mãis não opiou o somno...  
Para, depois de desmaiar nos braços  
De infeliz *Margarete*, e desfolhar-lhe  
— No lar materno — as flores de donzella ;  
Mesmo em frente á janella d'esse quarto  
Onde ha pouco ao luar fallou de amores,  
— Sem ter em sua defeza *Mephistopheles* —  
Bater-se como um tigre, assassinando  
O irmão d'*ella*... — a sua amante,  
Em cujo seio delirou de goso,  
Deixando a maldição — no vacuo aonde  
Dormia a virgindade...

Como *Byron*,  
Quem sabe si na vasta escadaria  
De um palacio real, ou escondido  
Por traz do reposteiro, uma princeza  
Não esperou da noite no silencio ?...  
E, rasgando-lhe as vestes de velludo,  
No throno paternal languida vio-a  
Humilde se entregar — lasciva e bella —  
E nos seus braços desmaiar de goso ?...

E quantas poetisas se inspirarão  
Aos seus beijos de fogo, como a loira  
Sonhadora gentil — de *Consuelo*,  
Escrevendo essas paginas mimosas  
Aos beijos do cantor de — *Jaques Rolla* !...

Mas ah ! como o cantor de *Hero e Leandro*,  
Elle, o conviva dos reaes banquetes,  
Nas tascas mais sombrias empunhava  
O copo de caxaca, ora beijando  
A gorda taberneira, ora relendo  
As cartas das donzellas que o amavão,  
Ou para o insensivel marinheiro  
— Namorado dos ventos e das vagas —  
Ou então p'ra o soldado somnolento  
Ao meio dia de folga anniquillado  
Mas a quem inda assim sobeja o tempo  
Para esbanjar o soldo nas bodégas

Jogando o vispora — onde empenha a blusa  
Ou o sabre — que á cinta traz pendente,  
Na ambição de gauhar — perdendo sempre...

.....

Agora, que conheces o mancebo  
Que do solar de seus antepassados  
— Pelos degráus do vicio — foi descendo  
Até á mesa tósca da taberna,  
Convem que saibas o seu nome : — é *Mario*.

---

## A ORGIA

(CANTO TERCEIRO)

A noite vai em meio ; em torno d uma mesa  
Mancebos e mulheres atirão com dextreza

Os dados, ou esgottão em taças de crystal  
Bebidas alcoolicas : — é plena a satarnal.

Porém d'entre os convivas sombrios se alevanta  
Uma cabeça loira — que a embriaguez quebranta...

E' *Mario*, que, trahido em seu primelro amor,  
Tornou-se um libertino, um ébrio, um jogador...

Si o visses, como o vi, nos seus primeiros dias,  
— Alma cheia de fogo e crença e phantasias —

Havias prantear comigo ao vel-o aqui  
A tórpes barregans sorrir-se é que sorri...

Oh !... não zombemos d'elle !... Ha dores longas, fundas,  
Mais negras muitas vezes que o chão das catacumbas !...

Ah !... quantos não enchugão as lagrimas de fel  
Nas humidias toalhas da mesa do bordel ! ?...

. . . . .  
. . . . .

Silencio ! — o macilento bardo se alevanta,  
Passa a mão pela fronte, empunha a taca e canta :

### CANÇÃO DO ÉBRIO

Sonhemos e bebamos !... e si é finda  
A vida em meu peito pulsa ainda,  
Morramos a beber !  
Deve ser bom, sublime, deleitoso  
Pegar no somno longo e pavoroso  
Beijando uma mulher !...

Sonhemos e bebamos !... quantos seios  
Palpitão anhelantes nos anceios  
Da febre sensual !...  
Banhemo-nos do vinho nas espumas,  
Como o cygne molhando as alvas plumas  
N'um lago de crystal !

A' orgia, á saturnal ! — onde do homem  
As negras agonias se consomem  
Nas taças a espumar !...  
O seio da mulher é um mar de flores,  
Onde o doge sedento de languores  
O annel vai mergulhar...

Na saturnal a dor — é a fumaça  
Que á luz crepuscular nos arés passa  
E n'amplidão se esvae...  
Assim — tambem a estrella que fulgura  
Desprende-se do céu em noite escura  
E no mysterio cahe...

Viajo res do nada ! homens de agora,  
Que dormireis á luz de nova aurora  
A' sombra d'uma cruz :  
O tempo vóa — e a mocidade esvae-se...  
E quando o sangue das arterias vai-se  
Tacteamos sem luz !...

A mesa do bordel — é um mar de flores,  
O leito da marcô — um céu de amores,  
O vinho — é hydromel !...  
Cognac — aos beijos de mulher formosa —  
Tem mais aromas — que a purpurea rosa,  
Mais doçura — que o mel !

Nós, ebrios libertinos ! nós, crianças,  
Que sentimos morrer as esperanças  
E crenças juvenis,  
Nós, temos por phanal — olhos escuros...  
Por deus — o amor ; por leito — os seios duros  
De jovem meretriz !...

Que nos importão tolos preconceitos  
Da sociedade chã — que rende preitos  
Ao servilismo vil ?...  
Quando o ladrão — tem titulos e graças,  
É o honrado plebeu — morre nas praças  
Esmolando um ceitel ! ?...

Tambem que importa ás messalinas bellas  
Que as portas sociaes fechem-se a ellas,  
Si a ellas se abrir vão  
Quando amanhã, rendendo-se á belleza  
D'uma d'ellas, fizel-a baronza  
Um illustre barão ? !...

Nós, pallidos mancebos ! nós, crianças,  
Que sentimos morrer as esperanças  
Na quadra juvenil,  
Nós, — sómente á mulher rendemos preitos,  
E zombamos dos tolos preconceitos  
Da sociedade vil !...

Nós — somos como o cedro das montanhas  
Que — rasgando das nuvens as entranhas —  
    Não treme ante os tufões!  
E os homens que nos cercão se assemelhão  
Aos juncos oscillantes — que ajoelhão  
Ao mais leve passar das virações!...

Não esperéis que ao som de vossos cantos  
Eu misture o gemido de meus prantos,  
    Oh! não esperéis, não!  
Cedro — o raio da sorte que lascar-me,  
Conseguirá somente balançar-me  
    Quando eu rolar no chão...

.....

Tentou continuar, porém nos lábios  
Desmaiava-lhe a voz... então reclina  
A delirante fronte enfebrecida  
No palpitante seio da morena  
Que enlevada escutava-o, assentada  
Ao seu lado direito...

    Alguns instantes  
Permaneceu em sepulchral silencio,  
Somente interrompido pelos beijos  
Da mulher que embalava-o carinhosa  
Nos trémulos joelhos — semelhante  
A mãe que embala o filho adormecido...

Mas... attonito acorda do lethargo  
Em que a febre o prostrára... e levantando-so  
— Faiscante o olhar, o labio ardente —  
Nas pernas mal podendo equilibrar-se,  
Enche a taça que ha pouco esvasiára  
E com trémula voz murmura ainda :

... Que importa que a lua — pastor somnolento,  
Reponte as estrellas que doirão o mar,  
Si eu durmo aos lampejos dos olhos escuros  
Das bellas morenas — á luz do luar?...

Que importa que as flores abriguem no calix  
Os frios orvalhos que tombão do ar,  
Si a frente eu abrigo nos seios olentes  
Das bellas morenas — á luz do luar ?...

Que importa que a per'la se esconda na concha,  
É a concha se esconda no fundo do mar ?...  
— Tambem eu me escondo nos negros cabellos  
Das bellas morenas — á luz do luar !...

Que importa que as brisas osculem as rosas,  
Por entre o folhedeo passando a cantar,  
— Si eu cólo os meus labios aos labios rosados  
Das bellas morenas — á luz do luar ?...

Que importa que o passaro adeje entre flores ?...  
Que importa que as nuvens adejem no ar ?...  
— Assim os meus beijos adejão nos labios  
Das bellas morenas — á luz do luar !...

Lampyrio travesso que vóa e revóa,  
Em torno das chammãs até se abraçar...  
— Eu morro de enleios aos doces carinhos  
Das bellas morenas — á luz do luar !

.....

Aqui parou o bardo ; a embriaguez prostrára  
A frente que tão cedo p'ra campa se inclinára.

E, como o sol—tombando no monte occidental,  
Seu corpo baqueou — no chão da saturnal.

.....

A orgia vai findar... Oh ! dava gosto  
Ver da marcô o descorado rosto  
    A' luz da saturnal !  
Ouvir as trovas de ebrios libertinos,  
Ver como esgottão labios femininos  
    As taças de crystal...

Erguem-se os vultos pallidos da orgia...  
Lovelaces — que dormem todo o dia  
    Para á noite folgar ;  
Mortos de somno e tedio e de canção,  
Retirão-se de amantes pelo braço,  
    Alfim vão repousar.

E' muito tarde. A peregrina etherea  
Apenas sólta d'amplidão siderca  
    Desmaiados clarões...  
Os astros já se escondem somnolentos...  
E d'alvorada os vagabundos ventos  
    Disferem vibrações...

Começa dos canóros passarinhos,  
Que abandonando vão os quentes ninhos,  
    A canção matinal ;  
E o sol já vem erguendo a cabelleira  
Por traz da esmeraldina cordilheira  
    Da banda oriental.

MUCIO TEIXEIRA.

---

## DADOS HISTORICOS SOBRE A PROVINCIA

---

Estou de posse de vossa apreciavel de 28 do proximo preterito, e bem intelligenciado de vossas judiciosas expressões, com que concordo, passo a responder.

Tomo o vosso parecer de não tratarmos das bases condicionaes, sem saber se o governo brasileiro aceita ou repelle nossa proposição, que tem de ser dirigida ás duas camaras, vamos subministrando os elementos todos para advogar nossa causa, e quando o Brazil a regeite, ficaremos com a consciencia tranquilla de havermos em ultimo caso solicitado nossa união com um paiz debaixo de cujo dominio nos educamos e cujo idioma fallamos, emfim de um povo, que não obstante a guerra atroz que nos ha feito injustamente, ainda existem em nossos corações sympathias por elle. Se, como creio, o Brazil aceitar, que tome então a iniciativa, e nós procederemos n'ella com aquella sincera dignidade que nos cumpre, até final decisão.

Dispensai, se pela pressa com que vos escrevo, não sou mais minucioso; restando-me assegurar-vos de minha estima e apreço singular e desejando que o Ser Supremo minore vossos padecimentos para poder a republica utilizar vossos utilissimos serviços.

Vosso amigo e o mais respeitador patricio,

*Manoel Lucas d'Oliveira.*

---

Illm. Sr. — Tendo de fazer-se effectivo nos bens dos inimigos da republica o seque-tro ordenado pelo decreto de 11 de Novembro de 1836, como resolveu o conselho de procuradores geraes sob proposta do governo, convem que por ora se não prosiga n'este municipio ao arrolamento e arrendamento de taes bens, e em consequencia cumpre que V. S. sem perda de tempo os ponha em administração de pessoas

idoneas, creando em todos os districtos d'este municipio uma commissão de tres homens probos, para n'elles arrolarem os bens de todas as pessoas inimigas da republica, e dos que se bandearão ao bando sedicioso que dominou esta villa desde 10 a 31 do mez passado, e seguiu na direcção de S. Paulo; cujos arrolamentos, bem como aquelles de propriedade nacional V. S. enviará por copia autentica ao inspector do thesouro para serem levados ao conhecimento do tribunal, afim de se proceder a respeito o que convier. Aos apresentados até hoje, se lhes restituirão seus bens, mas aquelles que depois virem chegando, só por graça do governo poderá obter esse favor.

Deus guarde a V. S. — Secretaria da fazenda na Cruz-Alta 14 de Janeiro de 1840. — *Domingos José de Almeida*. — Illm. Sr. major Antonio Vicente da Fontoura, collecter geral d'este e dos municipios da Cachoeira e Rio Pardo.

---

Cidadãos Vereadores. — Vosso procedimento versatil consignado nas actas de vossas sessões do 1º e 16 de Agosto e 6 de Outubro de 1837, e 16 de Dezembro ultimo acerca da independencia de nosso paiz, vos torna aos olhos do publico imparcial senão conviventes com os inimigos da patria, ao menos nimiamente credulos ás suas mentiras para illaquearem vossa boa fé e sinceridade, e associar-vos ás suas perfidias e atrocidades. Pensando assim o governo da republica ainda por esta vez corre denso véu ás vossas faltas, esperando que mais avisados para o futuro evitareis que sobre vós se descarregue a espada da imparcial justiça. O dinheiro que por consenho vosso das rendas d'essa camara municipal se entregou a Antonio de Mello e Albuquerque, chefe das forças rebeldes, como consta da acta respectiva, cumpre que sem demora, e pro rata entre vós o entregueis ao cidadão collecter geral d'este e dos municipios da Cachoeira e Rio Pardo, para ser recolhido ao thesouro; elle será restituído a essa camara quando reconhecida nossa independencia. Cumpre mais que dos cidadãos residentes n'esta povoação nomeeis promptamente juizes municipaes, e promotores, bem como que chameis para os districtos juizes de paz affectos a nova ordem de cousas e juramenteis aos cidadãos Rodrigo Felix Martins, José Antonio de Quadros, Valerio O-orio de Santa Clara, Felisberto Serafim dos Anjos, e Marcelino de Carvalho Azevedo, afim de que não deixe de haver sessões n'essa camara por falta de membros.

Deus vos guarde cidadãos Vereadores. — Secretaria do interior na villa da Cruz-Alta 14 de Janeiro de 1840. — *Domingos José de Almeida*. — Sr. Pre idente e mais Vereadores da camara municipal d'esta villa.

---

Quartel em Piratiny 7 de Dezembro de 1839.

Illms. Srs. — Foi-me entregue o officio de VV. SS. de hontem, em que me communicão haver eu, em sessão d'essa illustre camara, sido eleito procurador geral do municipio á pluralidade de votos dos dignos membros que a compõem, e que me invitão a aceitar o encargo, mui honorifico, e marchar á capital da republica para assistir a abertura do referido conselho ; como se evidencia da copia do officio do Exm. ministro do interior, que veio annexa. Em resposta devo scientificar a VV. SS., que não me é lici.o, nem devo, e nem posso aceitar o emprego honroso e transcendente, para que concordarão nomear-me ; porque sou um soldado do exercito, sobre quem pesa o commando da 1.<sup>a</sup> brigada de guardas nacionaes do mesmo ; por isso me julgo inelegivel, e privado de accitar sem ordem positiva do Exm. Sr. general em chefe, que me confiou o commando que exereço.

Não obstante muito agradeço a VV. SS. a honra e conceito que formarão de mim, quando me acharão digno de representar tão patriotico municipio ante o supremo governo da republica.

Deus felicite, e guarde a pessoa de VV. SS. como á patria é mister. Illms. Srs. Presidente e Vereadores da camara municipal d'esta cidade. — *Manoel Lucas d'Oliveira.*

---

Patricio e amigo Lucas.

Caçapava 7 de Dezembro de 1839.

Animado meus sentimentos pelo mais nobre enthusiasmo, pelo amor da liberdade, me apraz em communicar-vos que este magestoso edificio, vai lançar em nossa patria seus primeiros fundamentos. Até aqui, meu patriçio, temos sido governados a vontade dos homens que tem o poder a seu lado ; porém um porvir mais li.songeiro nos aguarda. Subindo á cadeira pre idencial nosso amigo Mattos, legada a elle pelo Dr. Sebastião Ribeiro, que tanta honra faz ao nosso paiz, este joven vai mui prompto entrar para o ministerio da justiça, e quando chegue esse dia venturoso para os amigos da ordem, poderão dizer que no Rio Grande já existem leis, sem ser uma letra morta ; e os tremendos abusos que outr'ora em torno de nós gyravão, em breve se dissaparão como o fumo desaparece na corrente dos ares. Estes dois compeões da liberdade e.tão dispostos a fazer mortifera guerra ao despotismo onde quer que levante o collo ; e d'esta maneira me congratulo comvosco

como um homem amante e sustentador do direito do povo. Respeito a politica externa tanto a Mattos como a Ribeiro se deve tudo. Os talentos d'estes dois homens, tem feito nossa posição brilhante ; pois ao passo que somos amigos do exercito argentino, estamos na melhor harmonia com o governo oriental ; e ainda mais que tudo devemos esperar de Lhavalhe e do Estado de Corrientes, que se fôr avante sua campanha contra o dictador Rosas como supponho, nossa independencia vai ali de prompto ser reconhecida, e em seguida em Buenos-Ayres ; se o Marte da liberdade Lhavalhe fôr feliz, então verá sahirnos de Popillas do astuto Rivera, e é quanto basta para conheceres que estamos marchando para a felidade.

Noticias incertas avanção que de S. Paulo baixa uma divisão das tres armas de Lages, e d'ali entrar em combinação com as da Laguna ao mando de Andréa e formarem então seus detalhes de campanha. A pôr-me á frente das forças de Cima da Serra para operar convenientemente sobre o inimigo é a missão que o governo me quer invêstir ; porém no municipio da Cruz-Alta está o coronel Agostinho, chefe geral de policia, quem deve commandar n'esse caso logo que seja preciso combater, e d'esta fórma não nos casemos de novamente e fique viuvo como era dantes.

Passarei mui succintamente a tocar sobre os acontecimentos em Rio Pardo. O inimigo tocou no Triumpho com sua esquadilha, occultando suas tropas de desembarque, fez uma completa surpresa naquella villa, mandando pelo rio 62 praças de caçadores e o Moringue por terra com 120 praças de cavallaria ; arrebatárão 4 boccas de fogo, 8 armas de infantaria e a banda de musica ; matárão 2 officiaes e roubárão completamente a casa de Serassen. Chegando o Moringue triumphante em Porto Alegre sahiu a colher novos louros pela fórma seguinte : Grinfel sobe com a esquadilha, toma o rio Taquary e Triumpho com seis vasos de guerra para impedir que da divisão do centro viessem forças para obstar suas correrias desde o Triumpho até Capivary, ficando livre caminho até a picada para matarem a seu salvo grandes tropas de gado, roubarem cavalhadas, etc.

Adeus, meu amigo, conte certo com os melhores votos de amizade

De vosso patricio e amigo

*J. P. Soares.*

---

Illm. Sr.

Fui encarregado pelos officiaes e soldados que tive a honra de dirigir contra o inimigo no dia 16 do corrente, que formava parte da

força ao mando de V. S.<sup>a</sup>, de pedir esclarecimentos da parte official em que o commandante da divisão deu noticia ao Exm. presidente, da derrota de Silva, aonde me consta accumular todos os feitos d'aquella acção e toda a gloria d'aquelle triumpho aos bravos da 4.<sup>a</sup> brigada ; como se collige da resposta do ministro da guerra, ao mesmo commandante da divisão.

Os officiaes e soldados que estiverão ao mando de V. S.<sup>a</sup> n'aquelle dia, e que forão os unicos, e sómente os unicos que contribuirão para a derrota do inimigo, pelo meu orgão, pedem a V. S. que faça com que o commandante Crescencio apresente ao Exm. presidente um solenne desmentido áquella peça official ; onde faltou ao dever de um militar imparcial, onde accumula á sua brigada um triumpho em que não teve ella a menor parte : basta que um só soldado da minha não dera um unico tiro..

Deus guarde a V. S. por muitos annos.

Campo volante 26 de Abril de 1837.

Illm. Sr. Manoel Lucas d'Oliveira, tenente-coronel commandante do 2.<sup>o</sup> corpo de guardas nacionaes da republica.

*Francisco Carlos da Costa.*

Major commandante do 4.<sup>o</sup> esquadrão de G. N.

Aproveito esta occasião para pedir a V. S.<sup>a</sup> o alcaçar uma portaria do Exm. presidente para o prisioneiro Manoel Roberto Pereira, afim de sua segurança, e para lhe não acontecer o que aconteceu áquelle infeliz que á V. S.<sup>a</sup> não é occulto.

*Costa.*

---

Cidadão general em chefe.

Secretaria da guerra em Piratiny 18 de Abril de 1844.

Ainda que com bastante celeridade tenho tomado as providencias possiveis para conseguir uma boa reunião, e se não fosse a fallencia de cavallos, poderia apresentar-vos no exercito muito mais de 250 ho-

mens, mas esta falta não me ha sido possível remover, tendo empregado os meios todos para a destruir: grande numero de guardas nacionaes ficão em suas habitações por não terem um cavallo para montar; primeiro o inimigo, depois a peste mais pernicioso e geral os deixou exhaustos d'este importante elemento de guerra. Pelo officio do tenente-coronel Urbano conhecereis quão prompto acudiu ao reclamo da nação, pelo vosso e meu orgão, só espero sua junção para lentamente ir movendo-me para junto do exercito de vosso mando. Espero tambem o major Israel com a guarda nacional das Torrinhãs e costa do Arroio Grande, e se esta ultima me não falha, podereis contar com duzentos combatentes d'esta parte; cujo mando entreguei ao cidadão coronel Jeronymo José de Castilhos, que se me apresentou conjunctamente, e dirige-se a Fiosa debaixo de minha direcção immediata. Dignai-vos indicar-me o ponto de nossa junção.

Deus vos guarde

*Oliviera.*

Cidadão David Canabarro.

Cidadão collector de Pelotas.

Secretaria da guerra em Piratiny 17 de Abril de 1844.

Juntó tereis a copia do aviso do ministerio da fazenda com a ordem do thesouro de datas de hoje, pondo á disposição dos negocios da guerra, actualmente a meu cargo, todos os rendimentos d'essa collectoria desde esta data até fim do mez de Junho do anno corrente: em virtude da qual não disporeis d'um só real dentro do prazo sem positiva ordem d'esta secretaria.

Vou tambem fazer promptificar uma escolta de tropa armada para auxiliar-vos na escrupulosa arrecadação das rendas publicas, e vol-a mandarei apresentar promptamente: o que vos communico para vossa intelligencia e execução extricta.

Deus vos guarde como é mister.

*Manoel Lucas d'Oliveira.*

Secretaria da guerra em Bagé, 9 de Janeiro de 1844.

Cidadão chefe de policia de Bagé.

Em virtude da participação que agora mesmo recebo do cidadão general Antonio Netto, vos depreco a reunião geral de todos os patriotas que poderem armar-se n'esta occasião de urgencia, quando o inimigo vem avançando sobre a divisão ao mando do mesmo general; cujo passo vos cumpre dar sem perder um momento, seguindo a reunir-vos á força pelas immedições do littoral côm os homens reunidos. Vos autoriso tambem em nome do governo a comprar o maior numero de cavallos que fôr possivel, e fazel-os seguir conjunctamente, afiançando a todos os vendedores de seu prompto embolço. Emfim, o governo espera de vosso zelo e actividade o melhor exito na execução d'esta ordem.

Deus vos guarde

*Manoel Lucas d'Olivira.*

Cidadão capitão Joaquim Gomes de Araujo.

---

Secretaria da guerra em Bagé 9 de Janeiro de 1844.

Cidadão Tenente

A força realista ao mando do Moringue ameaça perseguir nossa columna, que commanda o cidadão general Netto: é preciso armarmos uma massa que possa arrostar e privar suas correrias. Consta-me que estão comvosco algumas praças de 1ª linha, contamos com ella e comvosco para o effeito. Hoje marcho para o Quebaxo, e ali vos espero até depois de amanhã cedo.

Deus vos guarde

Cidadão tenente João Francisco.

---

Secretaria da guerra em Bagé 9 de Janeiro de 1844.

Cidadão Tenente

Remetto-vos por copia o officio que recebi do cidadão general Antonio Netto, em vista do qual cumpre que vós sem perder instantes, vos ponhaes em marcha direito ao Quebaxo, reunindo todos os homens capazes de empunhar armas e cavallos em estado servivel, onde recebereis minhas ultimas ordens.

Deus vos guarde

Cidadão tenente Manoel Joaquim de Quadros.

---

Illm. e Exm. Sr.

Passando ás mãos de V. Ex. todas as peças concernentes aos gloriosos feitos da Divisão Libertadora mandada em auxilio de nossos irmãos catharinenses, até 27 do mez passado, e copia da proclamação que por esse motivo enderesei aos nossos concidadãos, para serem presentes a S. Ex. o Sr. Presidente do Estado, dou a V. Ex. sinceros parabens pelos prosperos resultados da missão qua a Providencia confiou aos rio-grandenses.

Deus guarde a V. Ex.—Secretaria da fazenda em Caçapava 19 de Agosto de 1839.—Illm. e Exm. Sr. José Mariano de Mattos.—*Domin-  
gos José de Almeida.*

### PROCLAMAÇÃO

Rio-Grandenses!

Encarregado n'esta capital do expediente das repartições do governo, em nome d'este eu vos dirijo as mais sinceras e cordiaes congratulações pelo triumpho das armas da republica em prol da liberdade de

nossos irmãos catharinenses ! As peças officiaes de que se compõe o boletim n. 8, abaixo transcripto, vos imporão do occorrido no dia 1° do corrente em Porto Alegre e na gloriosa jornada da Divisão Libertadora ao mando do digno coronel Canabarro, d'esse americano, distincta vergonhea dos Washington no Sul.

Rio-grandenses ! O sceptro Bragantino, que denodadamente calcasteis aos pés em Rio Pardo, foi para sempre despedaçado e arrojado nos abysmos a 22 do mez passado na villa da Laguna ! !

Viva a nação Rio-Grandense ! Viva o Novo Estado Catharinense ! Vivão os defensores da liberdade e nacionalidade americana !

Secretaria de Estado dos negocios da fazenda em Caçapava 19 de Agosto de 1839.

*Domingos José de Almeida.*

---

### 8° BOLETIM EM CAÇAPAVA

Illm. e Exm. Sr. — Novos louros acabão de ornar nosso pavilhão, de que dou a V. Ex. os parabens. Ha muito costumava o inimigo com toda a sua força penetrar até a quem da Azenha, e protegido por esta conduzir forragens, fructas, etc., o que me fez crer seria facil surprehendel-o, e para o conseguir ordenei a marcha da divisão de infantaria na manhã do dia 1° a embuscar-se junto ao Matto-Grosso ; porém o máu tempo que seguiu-se, burlou meu plano, e roubou-nos a victoria que certamente garantia-nos a posse da cidade : quando hontem ordenava á força que regressasse ao campo a esperar outra oportunidade, fui prevenido haver a columna inimiga as 8 horas da manhã sahido do entrincheiramento e marchar para Azenha com tres batalhões de caçadores, e 50 a 60 homens de cavallaria : marchou a divisão incontinentemente sobre elle que se poz em precipitada fuga, e em vão tentou fazer-se forte na ponte ; all forçado proseguiu na encetada fuga, o mesmo que fez a cavallaria apenas avistou nossa phalange. O inimigo deixou no campo muitos mortos e tres prisioneiros, conduzindo grande numero de feridos ; tal foi seu terror, que deixou muitas armas, bayonetas, capotes, ponches, moxillas, bonets, sapatos, etc., bem como as carretas que trouxe para conducção das forragens. Temos a lastimar a perda de um bravo sargento do 2° batalhão, e de alguns feridos, porém levemente. Seria completa a victoria, se o inimigo não descobrisse nossa força ao desfilar as collinas fronteiras a sua posição mui proxima ás baterias, através de cujo fogo se arrostarão nossos bravos, sendo mister

contel-os porque só almejavão avançar ás trincheiras. Esta lição o fará conter no recinto de suas fortificações, e ai d'elles se tentarem nova experiencia que lhe será mui fatal.

Deus guarde a V. Ex. — Quartel-general na villa Setembrina 4 de Agosto de 1839. — Ao cidadão Domingos Jo:é de Almeida, ministro e secretario de Estado dos negocios da fazenda e encarregado do expediente da guerra. — *Antonio Netto*.

---

Illm. e Exm. Sr. — Eu me congratulo com V. Ex. pela fausta victoria que alcançarão nossas armas no sempre immortal 22 de Junho ultimo. Os muitos afazeres n'este momento me privão ser mais extenso, e as copias juntas orientarão a V. Ex. de tudo que na villa da Laguna ha occorrido.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos. — Quartel-general na villa Setembrina 3 de Agosto de 1839. — Ao cidadão Domingos José de Almeida, ministro e secretario de Estado dos negocios da fazenda e encarregado do expediente da guerra. — *Antonio Netto*.

---

Quartel-general na villa Setembrina 3 de Agosto de 1839

#### ORDEM DO DIA

O general commandante em chefe do exercito, em extasis de prazer faz publico ao mesmo, o brilhante triumpho que acabão de alcançar as armas republicanas sobre a horda imperial estacionada na villa da Laguna; triumpho tanto mais glorioso, quanto é seguro garante da completa regeneração do Estado Catharinense. O dia 22 de Julho raiou glorioso no horisonte politico d'aquella nascente republica, e seus feitos serão com lettras indeleveis levados a mais remota posteridade. O intrepido e perito coronel David Canabarro, digno commandante da Divisão Libertadora, ao approximar-se d'aquella importante posição, cujo mando estava confiado ao decrepito Villas Boas, menosprezando seus canhões e mercenarias bayonetas, e só escutando a voz da liberdade, á frente de seus companheiros não hesitou em carregar-lhe; e a deusa da victoria coroou seus esforços! Villas Boas vendo em completa derrota sua linha, se poz em precipitada fuga, deixando após de si innumeradas provas de sua timidez e desalento, e quiçá n'este momento

terá espiado sua iniquidade. O general commandante tributa sinceros encomios ao cidadão coronel David Canabarro, por si e em nome da patria que se ufana de amamentar em seu seio tão distincto varão ; bem como em geral a todos os patriotas que tomarão parte n'esta brilhante victoria, para a qual muito contribuiu o bravo tenente-coronel Joaquim Teixeira Nunes, commandante da vanguarda, tenente Joaquim Pereira Henriques, tenente Antonio Theodoro Ferreira, tenente de marinha Lourenzo Valerigini, e tenente da mesma Ignacio de Tal, bem como ao commandante da esquadilha capitão-tenente José Garibaldi, merecendo particular louvor o heroico feito do cabo Manoel de Castro d'Oliveira e seus valentes companheiros, que sendo apenas sete se arrostarão a vivo fogo com uma canhoneira imperial, até obrigarem-na a fugar, e sua tripulação a reduziu a chammas : o valor d'estes bravos não ficará em olvido, e o governo os saberá compensar. O general commandante não encontra certamente expressões com que possa descrever o valor com que se tem portado os patriotas lagunenses : todos a porfia corrião ás fileiras libertadoras, e na fallencia de armas se apresentarão com chuços e páus aguçados; prova indubitavel de quanto almeirão libertar-se ! E pôde tal povo retrogradar ? Não ; este heroismo louvavel e pouco vulgar só se encontra em almas puramente republicanas. Oxalá seu nobre incentivo sirva de estímulo aos demais brasileiros que gemem oppressos na mais degradante escravidão !

O general commandante ao descrever a fausta victoria do immortal 22 de Julho, o sensibilisa em extremo haver ella custado a vida de um bravo cidadão catharinense, cujo sangue lhe é bastante caro ; o inimigo soffreu a perda de 15 mortos e 77 prisioneiros, inclusive 5 officiaes além dos muitos passados : 3 escunas de guerra, 14 embarcações mercantes, algumas carregadas de fazendas e outros generos ; 463 armas de caçadores, 16 boccas de fogo, 36,620 cartuxos embalados, grande porção de polvora, espadas, pistolas e munições de artilheria, fardamentos e muitos outros objectos bellicos. D'est'arte se prova não ser este triumpho da guisa dos que alardeão os imperiaes, em suas pequenas escaramuças escudados da perfidia e traição. — *Antonio Netto.*  
— Está conforme — *Luiz José Ribeiro Barreto.*

---

# IGNEZ

---

## I

E' este o nome da encantadora criança de quem vos vou fallar.

Tinha ella quinze annos quando a vi pela primeira vez : não vos importe aonde. E' uma recordação de rapaz, recordação que vive entre os gelos de minha alma, onde não brota a luz de uma esperança, esperança de um futuro.

Queres o seu retrato ?

Imaginai-a um typo verdadeiramente brasileiro, um rosto avelludado e macio como a felpa de um pecego, moreno como o de uma filha dos desertos, uns cabellos negros, soltos, annellados cahindo-lhe sobre os hombros em fórma de mantilha, uns olhos de gazella... não, uns olhos brasileiros, dai-lhe a seu talhe esbelto a flexibilidade donosa de uma palmeira e tereis idealizado essa perola do céu, formosa concepção do genio creador.

Não é tudo.

Sede vós, leitora, por um momento ao menos a Venus das tradições pagãs, animai essa formosa Galatéa de minha alma.

Dai-lhe uns vivos toques de poesia, não da poesia mórna, sensaborosamente languida, melancolicamente enfadonha, más da poesia viva, ardente, entusiastica, fóco de luz e expressão, seiva de vida que arrebenta, filtros de amor fataes.

Approximadamente é este o seu retrato ; se fiquei muito aquem da verdade não é culpa minha, fil-o como pude e a boa vontade me ajudou : porém vós, leitora, que dispondes de uma imaginação vivissima, dai-lhe o que eu não pude, amoldai-a no cadinho das vossas phanta-

sias, contornai-a na vossa imaginação mas não m'a furteis ao molde d'esses typos puramente racionaes que eu tanto prezo, não m'a confundeis com a heroína angelica do vosso ultimo romance afrancezado que seria desnudal-a da belleza da graça ingenita ás filhas d'esta terra americana.

Em uma palavra : — Ignez era uma d'essas suaves creações artisticamente cinzeladas ao molde dos grandes mestres, porém animada por um raio d'este sol esplendido.

Eis tudo. Vamos agora á nossa historia.

## II

As sombras suavissimas do crepusculo já se adelgaçavão nos pinos das montanhas de além. Ao longe, muito ao longe ouvia-se o som grave das Trindades. Hora melancolicamente poetica saturada do acre perfume de uma saudade que dóe ; hora em que o espirito vóa, revóa nas exhalações perfumosas das flores a conversar com as fadas aereas dos mundos caprichosos.

Oh ! momentos dulcissimos de tristeza ! quanto roçar de azas brancas nas phantasias do amor ! quanto desabrochar de pallidas flores ! quanto perfume a resconder nos prados ! quantas imagens que descend das regiões empyreas nos brandos clarões do luar que desmaião na face da lagóa adormecida !

N'estes momentos o pranto do coração crystalisa-se nas faces e as magoas fundas do espirito condensão-se em suavissimas tristezas.

Foi pois á luz crepuscular que eu vi pela primeira vez o rosto angelico d'aquella criança linda.

Suave apparição que nos traz á memoria as vaporosas creações de Goethe a debubarem-se nas brumas frias dos paizes do norte.

A' margem da estrada que conduz a uma das mais poeticas povoações d'esta provincia ficava situada a branca casinha de Ignez quasi occulta pela rama frondosa do arvoredado que lhe servia de docel.

Se a felicidade é possivel cá na terra, se ella não é um mytho, uma ficção, um sonho fugitivo de esperanza que ainda nos acompanha além da eternidade, ella existia ali, n'aquelle recinto de paz e de virtude, no aconchego intimo da familia, nos extremos de uma mãe, nos carinhos de um pai, nos sorrisos de uma filha.

Isentos de tristezas e vaidades que agitação o grande turbilhão social, mixto incomprehensivel de paixões, oceano encapellado de miserias, elles vivião contentes e ignorados no seio do trabalho, do amor e da religião.

Era a trindade symbolica da virtude confraternizada na communição do trabalho.

Ignez reostada ao peitoril de uma janellinha estreita cõtemplava a vastidão azul do firmamento.

Seu espirito estava como que enlevado no arroubo contemplativo de uma visão occulta, que povoava o transparente véu de sua vida.

Devião ser assim as mysticas concepções da escola byzantina, religiosamente poeticas, melancolicamente bellas!

E como te vejo ainda, Ignez, quando o meu espirito atravessa a noite sombria do passado e lá se demora na contemplação dos entes carinhosos que me povoarão os alegres dias de fugitiva infancia.

Infancia!... re-a-c-folhada no caminho arido da vida, rociada pelas vagas dõridas do meu pranto, porque passaste assim? E vós, meus sonhos de criança, tão ricos de esperanças e de aspirações mentidas, porque vós não vejo agora?

41

Ignez seismava pois á luz suavemente branda do crepúsculo que lhe banhava a fronte. Seu espirito perdia-se em um mundo de desejos vagos, indiziveis onde resvalava a imagem carinhosa dos seus sonhos de amor. Ia procural-a á noite na face de uma estrella, adivinhal-a nos canticos melancolicos das auras, nas revelações intimas de seu coração porque é assim o primeiro amor dos anjos.

A pobre menina sonhava com esse amor immenso, irre-istivel, que nos faz entrever na terra um mundo de delicias, exaltando-nos o pensamento ás castas regiões dos devaneios puros. Sonhava-o e esperava-o confiada nas promessas carinhosas do instincto.

Foi n'essa hora em que a formosa creatura sentiu-se despertar do fóro intimo de suas revelações ao som de uma voz angelica que lhe fallava de amor. E amou como é possível esse affecto nas almas puras, cujo ideal revestem sempre de uns vagos clarões do céu!

Alvaro era um elegante rapaz da cidade. Cansado até ao fastio pelos continuados prazeres dos salões, cívado pelo tedio de uma vida livre e ociosa, proporcionada pelos largos rendimentos de avultado patrimonio, accordando-se um dia com disposições de viver alguns mezes longe do bulicio atordoador da cidade onde seu espirito soffregio de novas commoções, podesse despir a lepra do scepticismo convencional, — garridice dos parvos insulsos e pretenciosos. Lembrou-se pois de uns velhos parentes que habitavão nas proximidades da casa de Ignez e para lá partiu na madrugada do dia seguinte.

Uma tarde em que elle voltava de uma longa digressão pelos arredores, viu Ignez que costurava á porta da sua pequena mas poetica venda.

O semblante pallido da moça impressionou-o profundamente. A modestia de seu traje, o donaire singelo de seu porte e a peregrina belleza de seus olhos, calarão por tal fórma em seu espirito que fôra impossivel resistir á tentação.

Os passeios reproduzião-se todas as tardes e uma doce e suave intimidade foi gradualmente estabelecendo-se entre ambos.

Alvaro nunca tinha amado assim ; nunca o olhar, o sorriso ingenuo de uma mulher tinhão despertado em sua alma tão vivas sensações.

Era o seu primeiro affecto.

A existencia pois d'essas duas creaturas corria suave como a lympha dos regatos. Era um constante arroubô nos devaneios castos : poemas de sonhos e mysterios que traduzião na linguagem mystica dos amores.

Uma tarde Alvaro ao despedir-se de Ignez pediu-lhe consentimento para lhe offerecer uns versos que tinha composto.

Ella ao recebê-los perguntou-lhe com toda a ingenuidade de uma criança :

— Forão para mim que os fez, Sr. Alvaro ?

— Sim, Ignez. Perdoa-me a ousadia, não é verdade ? Commetti uma indiscrição, e se não fôra a certeza de que me ha de desculpar não lh'os teria dado.

— Agradeço-lh'os. Não calcula o meu contentamento ao recebê-los. Como devem ser bonitos ! Estou anciosa para os ler.

E estendendo-lhe a mão disse-lhe :

— Amanhã esperal-o-hemos em nossa casa ; pois estou certa que não recusará o convite de minha mãi para assistir á nossa pequena festa.

— Não recusa, muito mais por ser ella em homenagem dos seus annos.

E afastou-se todo preocupado com a gracioza imagem da sua querida amante.

Ignez considerando-se verdadeiramente feliz, correu a encerrar-se no seu pequeno quatinho onde deo docemente commovida as seguintes estrophes de Alvaro :

Socia querida das insomnias minhas,  
Astro de um Deus a divagar na terra,  
Vem dar-me um canto d'esperança amiga  
Dar-me o perfume que teu labio encerra.  
Talvez na luz de teu olhar bendito  
Meu peito possa receber alento,

Figuer as scenas de um passado morto,  
E n'elle a vida respirar sedento.

Talvez que o tronco de uma seiva exausto  
 Possa de novo rebentar em flor  
 E eu possa ainda respirar perfumes  
 Nos castos sonhos de teu doce amor.  
 De minha vida as solidões sombrias  
 Vem povoal-as de perpetua luz,  
 Não temo as magoas de um futuro ao longe  
 Tendo em teus *braços do martyrio a cruz.*

Ai! rosa minha dos vergeis sombrios  
 Pallida virgem que o Senhor creou,  
 Jercey eu fôra das visões celestes  
 Sê tu a imagem que Jercey sonhou.  
 Não queiras nunca que minh'alma em prantos  
 A ti se arraste a chafurdar no pó,  
 Leva-me ao céu do patriarcha antigo  
 Oh! pela escada que traçou Jacob.

Sobre as savanas da existencia ingrata  
 Por longo tempo caminhei perdido,  
 Bem como o triste da legenda hebraica  
 Do amor mais puro a blasphemar descrido.  
 Mas hoje encontro em teu olhar sereno  
 Divo santelmo que a brilhar seduz,  
 Bemdita sejas, criancinha leda,  
 Se m'innundares de proficua luz.

#### IV

Correrão os tempos. Um dia Iñez despertou dos alegres devaneios de sua alma para ajoelhar á beira de um leito onde seu pai jazia moribundo.

Era uma scena triste!

Alvaro profundamente commovido contemplava através de lagrimas a fronte veneranda do inditozo velho.

O ancião ao contemplar aquellas crianças que se debruçavãe á beira

ra de seu leito como duas rosas á beira de um sepulchro, murmurou-lhes a benção derradeira com os olhos fitos na imagem do Christo sacrificado.

Um tremor convulsivo percorria os membros do enfermo e suas faces lividas contrahião-se no spasmo da morte. Uma tempestade imensa, como aquellas que agitam a superficie rugosa do oceano, parecia dominar-lhe a alma prestes a arrebatá-lo ao céu.

Derepente afastando-se de seu lado as frentes pallidas das duas desventuradas crianças, murmurou como suffocado nos paroxismos da morte :

Ar, deem-me ar,—e deixou-se cahir como uma massa inerte sobre o leito, sem o menor signal de vida.

Julgá-o-n'ó morto.

Ignéz abraçou-se soluçando ao corpo frio de seu pai cobrindo-lhe de prantos a fronte cadaverica ; enquanto sua desventurada mãe ainda animada pelas palavras do medico permanecia livida e immovel como a imagem da dor petrificada á beira de um leito.

Profundo silencio reinou por longo tempo no quarto ; apenas se ouvia o crepitar funebre dos cyrios e os suspiros comprimidos que se casavão aos ventos melancolicos da noute.

Alvaro e sua amante, pallidos como os lyrios que medrão sobre a leiva dos-sepulchros, forão ajoelhar-se á beira do leito do moribundo.

O ancião fazendo um esforço sobrehumano, murmurou com voz tão desfallecida que mal se percebia :

— Meus filhos, em vão suppliquei aos céus a ventura de vos levar ao altar. Morro feliz contudo porque levo a certeza de que sereis sempre honrados e virtuosos para terdes a protecção de Deus e dos homens.

E tu, Alvaro, dá-me o juramento de que saberás velar pelo futuro d'esta desventurada menina, que serás o seu esteio n'esta vida, para que eu morra com a tranquillidade n'alma e a paz no coração.

— Juro, meu pai, — exclamou Alvaro com a voz profundamente commovida e entrecortada pelos soluços.

— Obrigado, filho. Não sabes o bem que me fizeste. Posso morrer agora levando as vossas santas imagens no sacrario da minha alma a deposital-as no seio do Creador.

V

Quando os primeiros raios da manhã allumiarão aquella scena mortuaria, balbuciava o ancião o extremo e enfraquecido adeus ao mundo e á familia que deixava.

O dia despontava festivo com todas as pompas de uma primavera esplendida.

Dir-se-hia que os archanjos do Senhor transpando as portas do empyreo vinhão receber n'um cantico de graça a alma contricta de um justo.

Santa e gloriosa morte.

## EPILOGO

Um anno depois n'aquella mesma casa celebrava-se uma festa de nupcias. Alvaro de Albuquerque Ramos cumprindo o juramento solemne a que o tinha obrigado o pai de Ignez realisava o mais ardente desejo de seu coração.

No momento em que tremulo de commoção e de prazer Alvaro conduzia sua noiva aos pés do sacerdote, seus olhos embebião-se nos olhos suavemente melancolicos de Ignez, em cuja fronte espalhava-se toda a ventura de sua alma.

Forão felizes.

Porto Alegre — 1876.

TANCREDO.

# ODE A VENEZA

(LORD BAYRON)

À EXÍMIA POÉTISA REVOCATA HELOIZA DE MELLO.

## I

O' Veneza! Veneza! quando as tuas muralhas de marmore estiverem ao nivel das tuas ondas, o grito das nações se erguerá sobre as ruinas dos teus palacios, e sobre as ribas do mar agitado haverá uma grande lamentação! Se eu, peregrino do norte, choro sobre ti, que devem então fazer os teus filhos? — Tudo, menos chorar; e entrecianto elles não murmurão senão em seu somno. Como differem de seus pais! elles são como o limo esverdinhado que o mar deixa na jazida da vaga impetuosa, que cospe o marinheiro sem o seu navio; é assim que rastejão pusillanemente, como crustaceos em suas tocas sobre pedregões. O' dor! será possível que os seculos tenham legado uma semelhante messe? De treze seculos de riqueza e de gloria, só restão cinzas e lagrimas: todos os monumentos que encontra o olhar do estrangeiro, igreja, palacio, columna, denuncião uma impressão de dó; o proprio leão parece domado, e os ruidos cavos do tambor dos barbaros fazem ouvir cada dia sua dissonancia monstruosa; este echo da voz dos tyrannos resôa ao longe d'estas suaves ondas, que, balançadas outr'ora sob um bando de gondolas, ao clarão do facho das noites, — não exhalvão senão doces concertos, — senão o murmurio confuso de uma multidão folgazã, cujo maior peccado estava no batimento vivissimo do coração, na latitude da felicidade. Ah! só a idade pôde reprimir este ar-

ador do sangue, e desviar o curso d'este rio luxuriante e voluptuoso de sensações doces.

Mas estes erros são preferiveis ás negras saturnaes das nações chegadas ao termo de sua decadencia, quando o vicio caminha mostrando á descoberto sua repellente fronte ; quando a alegria é a demencia, e não sorri senão para enganar ; quando a esperança não é mais que uma dilatação enganadora, este relampago da vida que luz ao enfermo no instante que precede á morte : então a fraqueza, este derradeiro refugio mortal do soffrimento, e o torpor dos membros, triste começo do curso frio e vacillante, do qual a morte alcança a palma, gelão pouco a pouco o sangue nas veias e amortecem as pulsações ; todavia é um allivio para a carne acabrunhada de torturas ; o moribundo crê reverter á vida, e toma por liberdade o silencio de seus grilhões ; e cil-o que falla ainda de viver, e de seus espiritos que renascem, — apezar de sua fraqueza, e do ar puro que elle quizera respirar ; e fallando não se apercebe que o halito lhe falta, que seus dedos debeis não sentem o que torção ; entrelanto uma nuvem se estende sobre a sua vista, — a camara gira em volia de si, e sombras phantasticas, que elle tenta em vão agarrar, circulão e brilhão adiante, até que enfim o seu grito abafado expira em seu ultimo extor, e tudo o que resta não é mais que gelo e trevas, — e a terra, aquillo que ella era no momento que precedeu ao nosso nascer.

## II

Ai da esperança das nações ! — Percorri os annaes do genero humano desde milhares de annos : — as vicissitudes quotidianas, o fluxo e refluxo dos seculos que decorrem, o presente, eterna repetição do passado, tudo isto nada ou quasi nada, nos tem ensinado ! continuamos a nos apoiar sobre cousas que se desmoronão sob nosso peso, e exaurimos as nossas forças á malhar no vócuo ; porquanto é nossa propria natureza que nos impelle para baixo ; parecemos com os animaes, dos quaes vimos de fazer hecatombes para regalar nossos festins, — é preciso que elles vão aonde os levão o conductor, ainda que seja á morte.

Homens, que pelos reis derramais o vosso sangue como agua, o que derão elles em paga aos vossos filhos ? uma herança de servidão e de desgraças, uma cega escravidão com vergastadas por salario. Pois que ! não está reçumando suor e sangue a relha do instrumento que vos restolha, e sobre a qual cahis turnariamente, felizes de dardes esta prova *infallivel* de lealdade, beijando a mão que vos conduz á morte, e vaidosos de pisardes sulcos ensanguentados ? Tudo que vossos pais vos transmittirão, tudo que o tempo vos legou de livre, e a historia de sublime, emana de uma outra fonte !

Vós vêdes e ledes, admirais e suspiraes, e não ides menos vos fazer immolar ! salvo um pequeno número de espiritos, que não se deixarão abalar em suas convicções pelos crimes improvisos, perpetrados ao ruido dos calabouços subitamente arrazados, quando cada um tem sede de beber as aguas deliciosas, que jorrão da fonte da liberdade, — quando o gentio, enfurecido por seculos de servidão, faz ouvir os seus gritos e se precipita para obter a taça, que se lhe apresenta ; porquanto os povos devem ahi beber o esquecimento de uma cadeia pesada e dolorosa, ás quaes elles tem sido muito tempo atrelados para manusearem a areia ; — ou se os seus labores tem feito crescer o grão doirado, não ha sido por elles, curvados como estavam sob o jugo, e os seus insulsos paladares não tem rumiado senão a berva da dôr ; — sim, este pequeno numero de espiritos, — a despeito dos crimes que elles aborrecem, não tem confundido com sua santa causa estes desvios passageiros das leis da natureza, os quaes, da mesma fórma que a peste e os tremores de terra, accommettem em um certo tempo e paixão, deixando á terra, á ajuda de suas estações, o cuidado de reparar o damno por alguns estios, e de engendrar ainda cidades e gerações, — bellas, porque serão livres, — porquanto, ó tyrannia ! um só botão não florecerá por ti !

### III

Gloria, poder, liberdade, — trindade santa ! como vos libraveis nobremente sobre estes bastiões ! Nos dias em que Veneza excitou a inveja dos povos, uma coalisão formada das nações mais poderosas pôde abater, mas não extinguir seu genio.

Todos se interessarão por seu destino : os monarchas admittidos a seus convicios conhecerão e amarão a sua hospedeira, e privando com ella não puderão aprender a odial-a.

Os povos sentirão como os reis, porquanto desde seculos ella era o objecto do culto dos viajantes de todos os paizes ; seus crimes mesmos erão de uma ordem mais branda, — e produzidos pelo amor ; ella não se abeberava de sangue, nem se cevava sobre cadaveres, mas inoculava a alegria por toda parte, onde se estendião as suas inoffensivas conquistas : porquanto as suas armas tinhão feito triumphar a cruz que, do alto do céu, santificava seus estandartes protectores, sem cessar interpostos entre a terra e o crescente infiel ; e se se viu este ultimo empalidecer e minguar, o mundo o deve a cidade que elle carregou de cadeas, cujo tinido resôa hoje aos ouvidos d'aquelles que devem á suas lulas victoriadas o nome de liberdade, de que se adornão. E nem sequer ella divide com elles uma dor commum, e, tornada « reino » sob a dominação de seus vencedores, ella aprendeu aquillo que todos sabem,

e nós mais que ninguém, com que palavras doiradas os tyrannos abusão das nações.

#### IV

O nome de republica dezappareceu dos tres quartos do globo gemente ; Veneza está esmagada, a Hollanda se digna aceitar um sceptro e supportar a purpura real ; se a Suissa livre ainda percorre suas montanhas indenentes, não o será por longo tempo, porquanto a tyrannia tem se tornado avisada ; ella escolheu seus momentos para pôr o pé sobre as scentelhas de nossas cinzas.

Ha além-oceano um paiz, cuja forte população educou-se no culto da liberdade, pela qual os seus pais combaterão, e que lhe foi legada como uma herança de afeição e de coragem, como uma distincção gloriosa do resto das nações que se inclinão a um aceno do monarcha, como se seu estúpido sceptro fosse uma varinha magica e dêsse a sciencia innata. Só esse grande povo eleva sobre o Atlantico uma fronte livre e altiva, indomita e sublime !

Elle tem ensinado a seus primogenitos, novos Esaús, que o pavilhão orgulhoso que fluctua como um reducto sobre o ultimo dos rochedo de Albion, pôde se abaixar adiante d'aquelles cujos braços valentes comprarão caro os seus direitos, pagando-os com sangue. Melhor val este destino, deva o sangue dos homens correr a jorros ; que corra, que transborde, antes que serpêe cobardemente em nossas veias, atravez de mil ductos ociosos, carregados de entraves como estas ondas que os diques emparedão, e semelhante em seus movimentos a um enfermo que se ergue durante seu somno, dá tres passos e cahe : — a enfundar-se em nossos pantanos, é preferivel repousar no glorioso oásuario das Thermopylas com os seus Sparciatas expirados e livres ainda, — ou transpor o abysmo dos mares, juntar um sulco mais ao oceano, uma alma áquellas que nossos pais amavão, um homem livre á America.

Rio de Janeiro.

CALUS GRACIO

---

# NYAYA

---

(FRAGMENTO)

O' frondosa yecica, arvore immensa  
Que os bosques de tupan toldaes de aromas!  
Ó mar, ó Guanabara, ó vós torrentes  
Que das nuvens do céu volveis á terra,  
E os campos inundaes com vossas aguas!  
Póde acaso este amor transbordar tanto?  
Póde o meu coração contel-o ainda?

Ai! as minhas irmãs e os que me cercão  
São todos para mim como estrangeiros,  
Des'que no peito meu mora a tristeza,  
E este meu coração punge a saudade!

O' vós meigas abelhas sussurrantes  
Que da flor do omery bebeis as gottas,  
Vinde, vinde colher tambem meu pranto?  
Não seccão nunca as lagrimas que verto,  
Não se fechão jamais estes meus olhos,  
E assim as minhas noites são infindas,  
Immensas... como o céu, como o oceano!  
Entretanto, ó tupan! o meu jupyra,  
Meu espoço o que faz? porque não volta?

O' róxas arbútaus, em cuja rama,  
Vem saudosa abrigar-se a sericoya  
Que canta ao pôr do sol! ó tenues flores  
Que cahis das cheirosas agoyazes,  
E sem rumo vogaes á tona d'agua!  
— O vento já me traz por entre as folhas  
Essa doce canção do fim do dia,  
Esse aroma subtil que exhala a tarde!  
A luz já é mais suave entre as florestas,  
E o vermelho clarão que os céus margeia  
Já me faz presentir que a noite chega!

Minha vida adornada está de rosas...  
Das sestas o calor me queima o peito,  
E a triste solidão que me vai n'alma  
Aviventa este amor que me consome!  
Entretanto, ó Tupan! o meu jupyra  
Esse ingrato o que faz? porque não volta?

Ai! das solvas do norte o sopro ardente,  
Como o molle caubim que enerva os bravos,  
Já traspassa o meu corpo e me incendeia!...  
Acaso o mesmo sente o meu esposo,  
Nas tabas guaranys, por noites longas,  
Tão distante de mim buscando a gloria?

O' candida emberiza, ave mimosa,  
Passaro emigrador cujo alto vôo  
Excede na carreira o proprio vento,  
Vai, vôa para o sul, chega ao Guahyba,  
Terra de amenos céus, de amenos campos,  
Berço do meu heróe, do meu jupyra,  
E diz-lhe que é tornado o brando tempo,  
A formosa estação das lindas flores...  
Que venha, que o espero, que o ordeno...  
Si é que ainda não pulsa no seu peito  
Um coração mais duro que um rochedo!

## A ELIZA

( LORD BYRON )

Eliza, que imbecis são estes musulmanos,  
Que a alma da mulher recusão évos annos !  
S'elles te vissem, oh !... perdão ! erro completo !..  
Quem mais a tal doutrina havia pôr affecto ?

Se a seu propheta sombra houvesse de juizo,  
Não dev'ria a mulher banir do paraizo ;  
E em lugar das huris, p'ras quaes não ha idade, <sup>1</sup>  
Povoaria seu céu de candidas beldades.

No entanto, quando cuido ater-se a cousa ahi,  
O senso do propheta aiuda se deli :

Não basta já negar uma alma ao vosso busto ;  
Requer que o vosso *Adão* em leito de Procusto,  
Se espiche como quatro ! — e, p'r'arranjar as cousas,  
Que o pobre se rateie por entre quatro esposas !

Viv'rieis, em rigor, sem alma — vol-o juro :  
Mas soffrer á outra affronta, Eliza, é muito duro !

---

<sup>1</sup> E' propriedade das huris no « Iannat-al-Alden » (paraizo) serem eternamente moças.

Tal seita é incivil; tal culto não tem nexo:  
E' lei draconiana a um e a outro sexo.

Bem vês assim, Eliza, é grave, corro risco,  
S'eu por amor a ti banir o adagio prisco :

Duvidas? — a mulher, que anjo! que portento!  
Mas o diabo, a dor — vem ser o casamento.

Rio de Janeiro.

E. L.

---

## A DHALIA

Dhalia roxa que nasceste  
Do meu amor no jardim,  
Tens a triste côr do luto,  
Me lembras da vida o fim.

Tristonha e grave entre as outras,  
Na pompa de teus primôres  
Não és menos agradável,  
Menos formosa nas côres.

Não exhalas o perfume  
Que embalsama a fresca aragem,  
Mas circundão teus estames  
Assetinada roupagem.

Te depondo com meiguice  
No seio do meu amor  
Quero em troca os seus *martyrios*,  
Sua intensa, occulta dôr.

Quero soffrel-os com *ella*  
N'uma alma só confundidos,  
E que sejas testemunha  
Dos tormentos padecidos.

Rio, 13 de Abril de 1844.

DR. CALDRE E FIÃO

---

## CONSELHO

AO MEU AMIGO A \* \*

Era alta noite, entumecido o peito,  
Vibrando a lyra teu amor cantavas...  
E a lua triste sem corar beijou-te,  
Mas ficou louca por saber que amavas !

Cantavas poeta á moreninha esbelta,  
Mas o teu canto respirava dôr :  
Não sei se acaso no pallor da lua  
A imagem vias de teu puro amor.

Oh ! não, não creias que relembres nunca  
A flor mimosa que teu seio esmalta !  
Esquece os sonhos de passadas eras,  
Apaga a chamma d'esse amor que mata !

Teme essa vaga d'esperança louca  
Que o triste peito do cantor maltrata...  
Busca nos livros um fiel conforto  
Contra os enganos da mulher ingrata !

Busca no sonho que te assalta a mente  
Uma outra virgem que teu amor comporte !  
Esquece os olhos da mulher falsa  
Que sem piedade envenenou-te a sorte !

Porto Alegre — 1876.

\* \*

## CHRONICA

---

**VIOLETAS** — Com este titulo sahiu das officinas da *Imprensa Literaria*, um mimoso volume de poesias do nosso distincto poeta Mucio Teixeira.

Infatigavel como bem poucos, o nosso amigo não desanima na brilhante carreira, que se abre aos vãos de seu fecundo talento, e de dia em dia mais novos titulos adquire a nossa admiração e apreço publico.

Mal acaba de enramar as suas perfumosas *Violetas*, já o inspirado poeta annuncia uma outra collecção com o titulo — *Ondas*.

E' de esperar que o agrado publico receba com o mesmo contentamento o livro que nos promette o festejado cantor, hoje um dos mais incansaveis paladinos da republica das letras.

\*  
\* \*

**PRELECCÃO** — No proximo numero estamparemos a preleccão do nosso illustrado orador José Bernardino dos Santos, pronunciada no salão correspondente ao mez de Dezembro.

A doença de nosso distincto companheiro foi a causa de semelhante falta.

\* \*  
\*

**BRUNO SEABRA** — Na capital da Bahia falleceu o laureado poeta paraense.

E' mais um talento que desaparece na voragem do tumulo.

Ainda na flor da vida, a mão impiedosa da morte, arrebatou-o ás glorias da patria, que n'elle revia uma das suas mais robustas intelligencias.

Deixa para rememorar a sua ephemera passagem na terra a rescedente collecção de versos com o titulo — *Fructos e Flores*.

\*  
\* \*

RELATORIO — No proximo numero da nossa *Revista* vamos dar começo a publicação do importante relatorio apresentado pelo digno presidente do *Parthenon*, na sessão de posse da nova directoria.

Por este trabalho conhecerão os nossos leitores a vida intima da sociedade.

\*  
\* \*

RETRATO — Gravamos hoje no frontespicio da *Revista* o retrato do nosso saudoso amigo e mestre o finado Dr. José Antonio do Valle Caldre e Fião, presidente honorario do *Parthenon*.

E' um tributo de amizade e respeito a memoria de tão eminente cidadão.

Está encarregado de sua biographia o seu intimo amigo Achylles Porto Alegre.

\*  
\* \*

UM LIVRO — Da *Imprensa Litteraria* sahiu o 3º numero da *Bibliotheca Rio-Grandense*, com a lenda provinciana — *O Crioulo do pastoreio*, producção de Iriêma.

MANFREDO

---